

## DE MONÓLOGOS A DIÁLOGOS: COSTURANDO CONHECIMENTOS TRANSVIADOS<sup>1</sup>

*FROM MONOLOGUES TO DIALOGUES:  
SEWING TRANSVILEGED KNOWLEDGE*

Luis Fernando Lobo Rosa Marques<sup>2</sup> e Eduardo Ruttke von Saltiel<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar uma pesquisa realizada no curso de pós-graduação *lato sensu* em Ensino de Humanidades, da Universidade Franciscana, que culminou num produto educacional. O tema foi “Monólogos transviados”, e propôs a visibilização de pessoas que se reconhecem como lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, assexuais, pansexuais, não binárias, e aproximações (LGBTQIANPN+). A metodologia utilizada foi a gestão de um perfil no Instagram, criado especialmente para este fim, pelo período de três meses, de maio a julho de 2020. Partiu-se da hipótese de que seria possível, por meio da rede social, elaborar e desenvolver temas que interseccionassem questões *queer*, artes, literatura, e direitos humanos. Os resultados foram analisados a partir do modelo design thinking (imersão, ideação, prototipação, implementação). Constatou-se que houve adesão, interação, e visibilização do perfil, no tempo em que o produto foi testado, e que, portanto, a pesquisa encontrou resultados satisfatórios.

**Palavras-chave:** Artes, Direitos Humanos, LGBTQIANPN+, Literatura.

### ABSTRACT

*This article aims to present a research conducted in the lato sensu post-graduation course in Humanities Teaching, at Universidade Franciscana, which culminated in an educational product. The theme was “Transvestite Monologues”, and proposed the visibility of people who recognize themselves as lesbian, gay, bisexual, transgender, transvestite, asexual, pansexual, non-binary, and approximate (LGBTQIANPN+). The methodology used was the management of an Instagram profile, created especially for this purpose, for the period of three months, from May to July 2020. It was assumed that it would be possible, through the social network, to elaborate and develop themes that intersect queer issues, arts, literature, and human rights. The results were analyzed using the design thinking model (immersion, ideation, prototyping, and implementation). It was found that there was adhesion, interaction, and visibility of the profile, in the time the product was tested, and that therefore the research found satisfactory results.*

**Keywords:** Arts, Human Rights, LGBTQIANPN+, Literature

---

1 Artigo de pesquisa.

2 Graduando em Letras. Universidade Virtual do Estado de São Paulo. E-mail: vozear@gmail.com

3 Professor de Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: eduardo.saltiel@ufsm.br

## INTRODUÇÃO

Fruto de um processo que culminou num produto educacional, este artigo apresenta o relato de uma pesquisa de pós-graduação *lato sensu*, proveniente da especialização em Ensino de Humanidades, da Universidade Franciscana, realizado na modalidade à distância, entre 2020 e 2021. O interesse pelo tema surgiu já no início do curso, de modo que as disciplinas, somadas a uma pesquisa paralela, foram sendo utilizadas para a composição do projeto, protótipo e produto, que teria, e teve, como característica principal, visibilizar a comunidade composta por pessoas que se reconhecem como lésbicas, gays, bissexuais, transgêneras, *queer*, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binários, e outras dissidências, representadas pelo sinal ‘mais’ (+), formando, então, a sigla LGBTQIAPN+, por meio de material que fomentasse o debate sobre direitos sociais historicamente violados, sua restituição e garantia.

O objetivo geral do produto educacional, ao qual este estudo se refere, foi o de dialogar com a comunidade *queer*, as violências históricas sofridas, as vivências de luta e resistência, e a busca por restituição e garantia de direitos violados. Para isso, o estímulo ao debate aberto que possibilitasse rever formas de existir, não apenas da comunidade LGBTQIAPN+, mas de toda a sociedade, transversalizou todo o processo. Isso permitiu interações que levassem a parcerias e construções coletivas e interseccionalizadas, fomentando a potência da educação informal<sup>4</sup>, de modo que o produto tivesse validade, fosse legitimado, e trouxesse fidedignidade à pesquisa acadêmica, por se tratar de um compilado de narrativas autobiográficas (os monólogos), expressos de várias formas, e pautado em aportes teóricos relevantes.

O dispositivo utilizado foi o Instagram, onde se hospedou material diverso para convidar à expressão artística e literária, através de monólogos verbais, escritos, pintados, performados, produzidos, confeccionados, tocados e cantados. O itinerário foi errante, numa escrita metalinguística, primitiva, costurada em patchwork, numa bricolagem sem arremates, cartográfica, o que implicou numa disposição para afirmar uma potência da própria vida.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Quem se lança à aventura da pesquisa cartográfica é convidado a conectar-se com o pulsar da vida em seu corpo, e com caminhos para os quais esse pulsar aponta. Para Rolnik (1993), a matéria-prima da cartografia são as marcas feitas num corpo. A violência vivida no encontro entre um corpo e outros desestabiliza-o, colocando a exigência de invenção de algo que venha a dar sentido e

---

<sup>4</sup> Na educação informal, não há lugar, horários ou currículos. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber. Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência. (GASPAR, s/d, p. 173)

corporificar essa marca: um novo corpo, outro modo de sentir, pensar, um objeto estético ou conceitual. A pesquisa faz-se assim como cartografia do meio em que o pesquisador está mergulhado na produção de mapas referentes aos encontros vividos nesses trajetos e aos afetos e sensações ali produzidas. (Lieberman e Lima, 2015).

Não à toa, naquilo que Foucault chamou de biopoder, alguns dispositivos ao estilo pan-ópticos, de observação, vigília e punição, foram criados ao longo da história, para controlar corpos, e torná-los dóceis, subjugados e obedientes (FOUCAULT, 1995, 1996, 1999, 2008). Pessoas transgêneras continuam sendo mortas diariamente no mundo; países criminalizam a homossexualidade com pena de morte; a exclusão de pessoas intersexuais, muitas vezes ainda mutiladas no nascimento, e excluídas socialmente com o rótulo perverso de *hermafroditas*, é normalizada.

Entre tantas abordagens teóricas sensíveis, Paul Preciado (2011), homem transgênero, subversivo, transgressor, rebelde, anormal, colabora, com seus escritos, para outras perspectivas e formas de olhar e construir o mundo. *Ficção política viva* (corpos normatizados - homem vs mulher); *tanatopolítica* (a política pensada para matar multidões *queer*); *masculinismo* (ao invés de machismo, por significar um movimento de reação ao feminismo, por parte de homens que sentem sua posição de poder, historicamente hegemônico, ameaçada); *sexopolítica* (dispositivo interseccional e desterritorializador contemporâneo de biopoder, tendo na heterossexualidade um regime político de controle de corpos, uma tecnologia biopolítica); a *anormalidade* como potência política; o *sexo correlato ao capital*, sendo produzido numa relação dialética de dominação, que perpetua poderes hegemônicos, que leva em conta a exploração de corpos-mercadorias, tratados como fetiches, utilizados para o consumo em massa, e vistos como moeda de troca na acumulação de bens materiais, e na manutenção das desigualdades; o *gênero como um conjunto de dispositivos sexopolíticos*, reapropriados pelas minorias sexuais, numa ofensiva de anormais através de manifestos e movimentos, são algumas das propostas para se repensar os lugares.

Além disso, uma quebra de paradigmas que permitam rupturas nos modos de refletir sobre as multidões *queer* não mais como margem ou reservatório de transgressões; não mais como nova normalidade (corpos não são mais dóceis), mas sim como identificações estrategicamente pensadas para assumir desvios, desontologizando sujeitos, criticando o pós-colonialismo e criando novos corpos de enunciação - bixa, sapa, viado etc. Conforme o pensamento do autor, não há mais terceiro sexo, nem tampouco a generidade, a identidade natural biológica ou a definição de práticas sexuais. Não há a institucionalização política tradicional, soberana e representativa; não há epistemologias que dominem a produção da ciência. Há, sim, a apropriação das disciplinas, a rearticulação das tecnologias sexopolíticas, o levante contra regimes, a resistência, a pós-humanidade, transformada, circulante, mutante, feminista, anormal, crítica, diferente, transversal nas relações de poder e diversa nas potências de vida. Nada mais de patriarcado ou normalização/normatização hetero-cis-burguesa. Corpos políticos, desviados, desviantes, anormais.

E a produção desses corpos se dá em encontros violentos, em que pessoas são marcadas por estados inéditos, que se produzem em seus corpos, a partir do que vivem e compõem, instaurando-se, no processo, diferenças e aberturas para novas criações de novos, e outros, corpos, significando, as marcas, gênese de um devir (ROLNIK, 1993, p. 02). São corpos *queer*, desterritorializados (DELEUZE, 1980, 1997, 2019). Nas palavras de Preciado (2011): “identificações estratégicas, desvios das tecnologias do corpo e desontologização do sujeito da política sexual, são algumas das estratégias políticas das multidões *queer*”. Para o autor, corpos *queer* são reapropriações, rearticulações e desvios de tecnologias sexopolíticas de produção de corpos “normais”, que se levantam contra regimes opressores, resistindo a formas de subjetivação.

De acordo com a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), o Brasil é o país que mais mata pessoas transgêneras no mundo. Foram 175 em 2019, e 151 em 2020. Em 04 de janeiro de 2021, Keron Ravach, menina trans de 13 anos, de Camocim, no Ceará, foi morta com socos, chutes, pauladas, teve seus olhos perfurados, e suas roupas introduzidas no ânus. A mais jovem pessoa transgênera morta no Brasil.

Um corpo considerado desviado, transgressor daquilo que Preciado (2011) chama de ficções políticas vivas (normatizações nominativas categóricas - homem, mulher, gay etc). Um corpo morto, numa tanatopolítica pautada no pensamento masculinista, que impõe as demais categorias, que não a branca, machista, heteronormatizada, burguesa, ocidental, cisgênera, à subalternidade. Um corpo sujeito às violências sociais normatizadas, expostos às políticas de morte - que decidem quem tem direito de matar, de deixar viver e de expor à morte (MBEMBE, 2018). O quanto a implementação de tal direito nos diz sobre quem é condenada à morte? Quais são as expressões das pessoas LGBTQIAP(N)+ condenadas à morte? O que, dessas expressões, são dispositivos de resistência e luta?

## METODOLOGIA

As discussões foram levadas ao dispositivo digital escolhido para a confecção deste Produto Educacional - o Instagram<sup>5</sup>. No perfil, especialmente criado para este fim, e onde já constava o Objeto de Aprendizagem solicitado na disciplina Tecnologias Educacionais, foram postados vídeos, cartazes, grades, fotos, telas e outras produções criadas ao longo de todo este curso de especialização em Ensino de Humanidades.

Na espera para a efetivação do processo relativo ao produto educacional propriamente dito, já houve imersão ao Instagram. Iniciou-se um perfil experimental que desse conta de um possível produto didático, com características artísticas, poéticas, e voltadas à comunidade LGBTQIAPN+, o interesse de estudo (durante todo o curso, nas diversas disciplinas oferecidas, foram compostas tarefas atravessadas por essa temática). O primeiro perfil, experimental, de nome @monologostransviados, pretendeu discutir o território de pessoas transgêneras e sua luta por visibilidade e inclusão social. O nome social,

<sup>5</sup> <https://about.instagram.com/pt-br/about-us>; <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>

nesta página, era Lauren G. Atraiu muitas pessoas trans, mas, especialmente, a comunidade lésbica, que, quando descobria a masculinidade cis deste pesquisador, deixava de seguir.

Veio, então, a necessidade de abrir para todas as letras da sigla. Entre idas e vindas, o perfil foi tornado público e privado diversas vezes. Houve a possibilidade de retornar ao trabalho com as produções e postagens, durante a disciplina Tecnologias Educacionais, quando da produção de um Objeto de Aprendizagem.

Em 15 de maio de 2021, foi feita a primeira postagem para o produto educacional (com o Objeto de Aprendizagem, solicitado na disciplina Tecnologias Educacionais). Em 25 de maio, teve início o processo de postagens referentes ao produto educacional. A partir disso, a produção se estendeu, passando a ser composta por artes (pintura, autorretrato, vídeos-performance, e performance musical gravada e postada no Youtube), humanidades (com leituras de trechos de obras de Paul Preciado), denúncias de violências contra a comunidade LGBTQIAPN+, e narrativas autobiográficas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levando em consideração que o curso de especialização foi concluído em agosto de 2021, e que as entregas finais se deram em torno desse período, de maio, início das postagens, a final de julho, quando o movimento ocorria incessantemente, pode-se concluir que os resultados foram os esperados. Ampliou-se o escopo, desdobraram-se os conteúdos postados ali, houve interação, difusão de conhecimento, e fluxo contínuo. Durante o processo, buscou-se validar o produto.

As primeiras indicadoras de validação foram pessoas amigas e queridas, próximas, que compartilham sua vida há muitos anos, e que frequentam o Instagram. Por coincidência ou não, todas mulheres: Pandora, mulher negra, solteira, docente e musicista; Janaina, mulher branca, mãe, casada, educadora e petista; Talita, mãe de um rapaz gay, educadora, divorciada e cansada da vida; Bianca, mulher negra, docente, mestra em Sociologia, casada, madrasta, jardineira; Celinha, mulher branca, deficiente, idosa, educadora de biblioteca, casada, mãe de três, sendo, a filha, lésbica; Maria, adolescente transfeminina, rebelde, namorada de um homem trans; Tábata, mulher cis lésbica, casada há 20 anos, brasileira, naturalizada canadense, bióloga; Luara, vegana, mãe solo, psicóloga, atualmente em Lisboa. Seus nomes foram modificados para este artigo.

Suas impressões foram dadas a partir da versão final da página, agora @monologos.trans.viados<sup>6</sup>. “Ficou linda”. “Amei”. “Ótimo. Precisa melhorar os cartazes”. “Senti falta de mais performance nos vídeos”. “Excelente. Pouca visibilidade. Precisa de mais seguidores. O conteúdo é essencial”. Foram solicitadas frases curtas para os feedbacks. Houve longas conversas, informais, e não transcritas. Uma impressão em comum foi a sensibilização com a escolha do tema, e o dispositivo digital utilizado. Alguns dados mais quantitativos serviram, também, para legitimar a testagem do protótipo,

---

6 <https://www.instagram.com/monologos.trans.viados/>

uma vez que se tratou de dispositivo que emergiu de forma concomitante com o projeto, e possui característica contraditoriamente volátil e permanente, ou seja, pode ser extinto ou permanente, preservadas suas intenções de educação informal, com assuntos concernentes à questão LGBTQIAPN+, mesmo após o curso.

As ferramentas do Instagram modificam-se periodicamente. Algumas, fixas, permitem a postagem de fotos e vídeos, através de Story (postagens efêmeras, automaticamente excluídas após 24 horas; essas postagens podem ser fixadas em outra ferramenta - Destaques - que ficam visíveis em formato circular, logo abaixo da edição do perfil); Reels (ferramenta semelhante ao Tik Tok, com possibilidade de gravação de vídeos curtos que contenham efeitos audiovisuais, e que estarão numa plataforma própria, com outros vídeos dessa característica, além de poder constar no Feed); Feed (postagens permanentes, individuais ou no formato 'grade', que só podem ser excluídas pelo administrador do perfil, ou se violarem as regras do Instagram - violência, nudez, e outras); e o IGTV (onde se armazenam vídeos com mais de um minuto, que podem ser fixados também no Feed, mas têm um ambiente próprio, representado pela imagem de uma pequena tv, logo ao lado da representação do Feed, uma grade). Há, também, a possibilidade de exportação de material, feito por terceiros, e colocado no perfil, quando se é 'marcado' por alguém. Além disso, o Instagram também possui a ferramenta de mensagens, semelhantes ao Whatsapp, com opções de envio de material, vídeos, áudios, fotos, outros perfis, de forma individual (chat/direct message - mensagem privada), ou coletiva - salas de bate-papo.

Assim, uma testagem feita em dispositivo tão inconstante como o Instagram, especialmente em perfil público, onde seguidores, de qualquer território do mundo, qualquer idade, e com perfis múltiplos, vão e vêm, material é incluído e excluído, stories se apagam automaticamente, traz essa característica - da instabilidade, da inconstância - ou seja, a própria testagem absorve as características do produto. A testagem, então, neste caso, num produto sempre inacabado, em perene devir, em processo de construção permanente, deve levar em conta que o ambiente é volúvel, e a testagem pode ficar fragilizada, se pré-determinada de acordo com parâmetros fixos. 'Está dando certo?', seria uma pergunta. 'Por enquanto, aparentemente, dentro do propósito pretendido, sim', a resposta. Uma situação diferente seria testar um produto educacional previamente construído para ser implementado, por exemplo, num local específico, por um tempo determinado, com um público pré-estabelecido, buscando um objetivo institucional. Neste caso, a implementação misturou-se ao projeto, ao protótipo, ao monitoramento, à testagem, à avaliação, e não houve produto final, mas um produto em obstinada mutação.

No período de finalização do curso, havia 567 postagens, entre fotos e vídeos, 197 seguidores, e 235 perfis seguidos (perfis LGBT, de Direitos Humanos e Artes). As características dos perfis eram diversas. Já houve, no mesmo dia, adesão ou abandono ao perfil. O número de curtidas também variava. Havia publicações com mais, ou menos curtidas. Por ser um perfil tímido, o movimento ainda era tímido, não buscando soluções para aumentar seguidores ou ampliar a difusão dos dados contidos na página (há perfis específicos que auxiliam nessa gestão). As mensagens trocadas

surgiam eventualmente, dependendo das postagens, e da intenção em interagir. Geralmente, perfis com muitos seguidores tendiam a não retornar curtidas ou mensagens (públicas ou privadas).

Dessa forma, a testagem ocorreu desde sua concepção, e permaneceu, mesmo após sua entrega final, sendo, o processo, em si, a própria testagem. O dispositivo Instagram permite, então, pela análise acima feita, que uma testagem pode correr o risco de não legitimar o produto, uma vez que sua fidedignidade não depende de um período de tempo restrito. Finalmente, para evitar o risco de gerar resultados inverossímeis, ficaram em aberto os indicadores de validação (inclusive porque eles mesmos - indicadores - podiam mudar, de acordo com o que o perfil ia propondo).

O perfil permanece ativo, atualmente com 278 seguidores. Em setembro de 2021, houve um ataque hacker, que apagou todas as mais de quinhentas publicações. Como o perfil levava uma obra de arte que continha a bandeira do orgulho lgbt, com um arco-íris, sua exposição pode ter causado sentimentos lgbtfóbicos no ambiente da rede. Isso, como um dado de pesquisa, mostra os perigos que pessoas LGBTQIAPN+ correm todos os dias, apenas por serem quem são.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstrou-se, através deste relato de pesquisa, a importância da visibilização social de pessoas que se reconhecem como lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binários, e aproximações. Por meio de um perfil no Instagram, o pesquisador viabilizou a própria expressão artística e literária, e o compartilhamento de outros perfis, difundindo diálogos e monólogos, que trouxeram questões pertinentes aos direitos humanos, à inclusão social, e às lutas de movimentos sociais pela restituição e garantia de direitos sociais historicamente violados.

Discutiram-se: violências, outras formas de existir, e novos olhares sobre o mundo, com leituras que propuseram transgressão aos padrões hegemônicos impostos, numa constante tentativa de reconstruir narrativas consideradas marginais. Esses deslocamentos discursivos foram tratados como desvios necessários ao empoderamento e à emancipação das pessoas LGBTQIAPN+. Para tanto, o aporte teórico trouxe autoras e autores que pesquisam e pesquisaram corpos em permanente decomposição cultural, movendo conceitos, desconstruindo pré-conceitos, e propondo revisões daquilo que é aceito como normalidade.

Por fim, fica a marca de um itinerário potente, trilhado no curso de especialização em Ensino de Humanidades da Universidade Franciscana, em que esta pesquisa encontrou acolhimento e apoio, e onde o pesquisador, *queer*, constantemente atravessado por transversalidades, adquiriu mais conhecimentos significativos sobre educação em direitos humanos, enfrentamentos às violências, culturalidades, diversidades, filosofias, questões sociais, enfim, sobre a importância das humanidades na formação de um bem viver global.

**REFERÊNCIAS**

BONIN, I. T., RIPOLL, D., WORTMANN, M.L.C., SANTOS, L.H.S. Por que Estudos Culturais? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, e100356, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236100356> Acesso em: 26 maio 2021

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Devir intenso, devir animal, devir imperceptível*. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (Orgs.), **Mil platôs**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. **L'Abécédaire de Gilles Deleuze**. Entrevistas com Claire Parnet. Realização de P.-A. Boutang. Paris: Montparnasse/Liberation, Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLiR8NqajHNPbaX2rBoA2z6IPGpU0IPIS2>. Acesso em: 14 dez. 2021.

DELEUZE, G. O que as crianças dizem? In: DELEUZE, G. (Org.), **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1997. p. 73-79

FOUCAULT, Michel. Por que estudar o poder: a questão do sujeito. In: DREYFUS, H. L.; RABYNOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-251.

FOUCAULT, Michel. **A ordem dos discursos**. Trad. Laura Fraga de A. Sampaio. 15. ed. Ed. Loyoloa. SP: 1996.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**. A vontade de saber. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

GASPAR, Eduardo. **A Educação Formal e a Educação Informal em Ciências**. s/d. [edisciplinas.usp.br](http://edisciplinas.usp.br). Dispositivo digital. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4044729/mod\\_resource/content/1/Texto%206%20A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20formal%20e%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20informal%20em%20ci%C3%A7ncias.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4044729/mod_resource/content/1/Texto%206%20A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20formal%20e%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20informal%20em%20ci%C3%A7ncias.pdf). Acesso em: 30 maio 2021

LIBERMAN, Flavia, LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Um corpo de cartógrafo. **Interface Comunicação Saúde Educação**, Botucatu, SP, 19 (52), 183-193, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Paul. Multidões *queer*: notas para uma política dos anormais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 312, jan.-abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100002/18390>. Acesso em: 26 maio 21.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade PUC-SP**, v. 1, n. 2, p. 241-251, 1993.